

## SOBRE A UTILIDADE DA HISTÓRIA HUMANA PARA A TEOLOGIA<sup>1</sup>

*Melchor Cano, OP<sup>2</sup>*

Uma vez saído da aridez, meu discurso foi sorteando também dificuldades. Tendo descido das questões muito difíceis às fáceis, nem o meu talento, nem a minha Teologia podem ser postos à prova ao explicar a autoridade da História humana. E muito menos ainda quando explique quão útil e necessária ela é para o teólogo. Neste caso, sem dúvida, não temos adversários; contra a verdade não há argumentos.

Com efeito, todos os varões doutos estão de acordo em que os teólogos são totalmente ignorantes nas elucubrações que a História emudece. De minha parte, considero suficientemente eruditos não somente os teólogos, mas todos aqueles que desconhecem os acontecimentos passados. Pois a História nos ministra, de seus tesouros, muitos conhecimentos os quais, se não os possuíssemos, seríamos contados com frequência entre o número dos incapazes e ignorantes, tanto em Teologia como em qualquer outra ciência em geral. Se, às vezes, o ponto culminante de uma discussão teológica gira manifestamente em torno a um fato passado, haverá quem negue que, às vezes, inclusive nas discussões escolásticas, é necessário extrair da memória dos arquivos os mais claros testemunhos da verdade?

De minha parte, tenho advertido com frequência em minhas obras, e sobretudo nesta, que a História é necessária ao teólogo quando argumenta. Aqueles que tenham folheado os livros anteriores julgarão sem dificuldade quanto tem significado para mim o domínio da História humana, embora agora não

1) Trata-se do livro 11, capítulo 2 (*De historiae humanae in theologiam utilitate*) da obra: *De locis theologicis*. Texto latino da *editio princeps* preparada e traduzida para o espanhol por BELDA PLANS, Juan (ed.). *De locis theologicis*. Madrid: BAC, 2006, p. 554-559 [original latino disponibilizado online: p. 338-341]. Tradução do latim e adaptação: Carlos Javier Werner Benjumea, EP.

2) Melchor Cano (1509-1560), teólogo dominicano da Universidade de Salamanca. Participou no Concílio de Trento a partir de 1551, exercendo influência decisiva nas resoluções relativas à Eucaristia, à Penitência e ao Santo Sacrifício da Missa. Em sua obra póstuma, *De Locis theologicis libri XII* (1563), indica os dez lugares teológicos que, segundo sua perspectiva, constituem as fontes de autoridade que dão fundamento à veracidade do dogma católico: a Sagrada Escritura, a tradição oral recebida de Cristo e dos Apóstolos, a Igreja Católica, os Concílios, a Igreja Romana chamada de apostólica por privilégio divino, os Padres ou santos antigos, os teólogos escolásticos, o valor da razão natural em questões científicas, a autoridade dos filósofos e, finalmente, a autoridade da História. A utilidade desta última é o tema da presente tradução. A obra de Melchor Cano exerceu influência decisiva e original nos estudos da Teologia ao propor um renovado método teológico.

me atrevo a dizer quanto significará nos seguintes livros, para que não pareça que prometo montanhas de ouro.

Sem dúvida, uma grande prova de quanto tem necessidade o teólogo do conhecimento da História a constituem aqueles que, por ignorá-la, caíram em diversos erros. Alguns põem como exemplo característico que não só o povo, mas o próprio São Tomás, em sua juventude, esteve persuadido da salvação de Trajano do fogo do inferno graças às orações de Gregório. E ficou convencido disso pela autoridade de João Damasceno, a quem Tomás citava realmente muitíssimo. Mas, segundo dizem, ninguém se deixaria levar pelo conteúdo desta fábula se, comparando datas, soubesse que João Damasceno não pôde ter sido o autor dela, pois viveu mais de um século antes de Gregório. Com efeito, Rafael de Volterra, Vicente de Beauvais e Santo Antonino nos transmitem que sobressaiu ele durante o império de Teodósio.

Mas o exemplo anterior é inapropriado, porque o célebre João Damasceno, que publicou os quatro livros *De fide orthodoxa*, despontou sob Constantino e Leão, isto é, quando já São Gregório havia morrido. E, em algo tão evidente, não há necessidade de citar a João, Patriarca de Jerusalém,<sup>3</sup> nem ao escritor da História Romana,<sup>4</sup> livros 21 e 22, nem a outros historiadores, já que o próprio João Damasceno indica com claridade em que tempo viveu.

Em primeiro lugar, porque cita com frequência Cirilo, que viveu depois de Teodósio. Também rememora algumas vezes o concílio de Calcedônia. E depois, alude também no capítulo 10 do livro 3 a um tal Pedro Gnafeio,<sup>5</sup> condenado no quinto Concílio durante o império de Justiniano. Por outra parte, escreve contra os opositores das imagens<sup>6</sup> e os chama, no capítulo 17 do livro 4 de sua obra *De haeresibus*,<sup>7</sup> de “iconoclastas” e “timoleões”, isto é, de Leão, que foi o principal inspirador e fator dessa seita. A seguir, no mencionado livro *De haeresibus* recorda os monotelitas Ciro, Sérgio e Eustáquio, que foram condenados no sexto Concílio durante o pontificado de Agatão, e contra os quais escreve também com abundância no livro 3 do *De fide orthodoxa*, capítulos 14 e 15.<sup>8</sup> Quem considerar atentamente todas estas coisas, facilmente compreenderá que João Damasceno viveu depois de Gregório.

---

3) Cf. IOANNES VI (Patriarca de Jerusalém). Autor da *Vita Ioannis Damasceni* (PG 94, 429).

4) AMIANO MARCELINO. *Rerum gestarum libri XXXI*, 21-22.

5) JOÃO DAMASCENO. *Expositio de fide orthodoxa*, 3,10 (PG 94, 1019).

6) *Ibid.*, 4,17 (PG 94, 1167).

7) *De haeresibus*, 101 (PG 94, 774).

8) *De fide orthodoxa*, 3, 14-15 (PG 94, 1033-1064).

É tudo uma invenção, como se mostrou anteriormente, o que afirma Tritêmio:<sup>9</sup> que houve dois do mesmo nome, um em tempos de Teodósio, que compusera aqueles célebres livros de Teologia, e outro em tempos de Leão, que lutou a favor do culto das imagens. Eu também não aprovo tal história. Com efeito, é de se admirar que um grego tenha dado a conhecer a seus compatriotas uma lenda que é nossa, divulgada, como ele mesmo diz, por todo o orbe, e que, todavia, é ignorada por todos os historiadores latinos.

Portanto, não nego que sejam fábulas as coisas que se contam sobre Trajano e Gregório, mas não porque Damasceno tenha sido anterior a Gregório.

Em verdade, nesta matéria, errou recentemente nosso conterrâneo, o espanhol Ginês de Sepúlveda, homem não incompetente, ao meu juízo, e bastante douto, certamente célebre na arte da eloquência e não de todo inábil no estudo da Teologia. Querendo demonstrar a existência de justa causa para combater os bárbaros do Novo Mundo,<sup>10</sup> apoiou-se na seguinte argumentação: conta-se que Gregório na epístola 73 do livro primeiro, referida na 4ª questão *Si non* (23), louva Genádio,<sup>11</sup> quem só empreendia guerras para dilatar a República Cristã e, mediante a pregação da fé, pretendia difundir por todas as partes o nome de Cristo entre os povos submetidos.

Todavia, Ginês teria julgado facilmente, por si mesmo, como era inapropriado o testemunho de Gregório para comprovar a afirmação proposta, se tivesse aprendido da História que aqueles contra os quais Genádio fez guerra não eram só inimigos do Império Romano, mas também da Igreja e de Cristo. Isto se pode ver mais claro que a própria luz, na outra Epístola dirigida ao mesmo Genádio,<sup>12</sup> a de número 72 no mesmo livro. Também não se pode duvidar que os Vândalos, cujos restos sobreviviam sempre na província da África, estavam contagiados pela peste da heresia ariana;<sup>13</sup> nem ignorar que os Donatistas, que também abundavam naquele tempo na África, lutavam contra os católicos, não só com discussões, mas com vantagem e violência. Mas o lugar para tratar sobre estes exemplos não é este, onde com brevidade e de passagem advertimos ao teólogo que não se esqueça da História

9) *De scriptoribus ecclesiasticis*. Colônia, 1546, p. 39.

10) *De iustis belli causis apud Indos*, geralmente conhecido como *Democrates alter* (1544), obra na qual defendia a tese medieval da guerra justa aplicável à conquista espanhola na América.

11) GREGÓRIO MAGNO. *Registrum epistolarum*, 1,73[75] (PL 77, 529). Cano dá, ademais, a referência do *Decretum*, c. 23, q. 4, c. 49 (*Corpus Iuris Canonici* [Friedberg] 1, 925).

12) *Ibid.*, 1,72[74] (PL 77, 528).

13) Cf. PRÓSPERO DE AQUITÂNIA. *Chronicum*, 11 (PL 51, 597).

eclesiástica, pois seu conhecimento produz grandes frutos e sua ignorância, grandes erros.

De outra parte, já Agostinho<sup>14</sup> ensina no capítulo 28 do livro segundo do *De Doctrina Christiana* que também a História dos pagãos é muito útil para o bom entendimento das Sagradas Escrituras e demonstra que alguns, por ignorá-la, erraram a respeito da interpretação das Escrituras.

É evidente que Irineu<sup>15</sup> e Tertuliano,<sup>16</sup> por exemplo, se deixaram levar por diversos erros — causados todavia pelo mesmo motivo — sobre a idade de Cristo quando sofreu a Paixão.<sup>17</sup> Negligenciaram nesta passagem a História humana, com cujo conhecimento se resolve facilmente o assunto, embora tanto um quanto o outro podiam ter advertido seus erros também pelo Evangelho.

E também Erasmo<sup>18</sup> considera que as trevas, as quais se fizeram sobre toda a Terra como claramente escreve o evangelista [Mt 27, 45], se difundiram apenas sobre a Judeia. E como fundamento desta falsa interpretação aduz um argumento que não é verdadeiro, e se o fosse, não seria idôneo: se as trevas se tivessem estendido durante tanto tempo e por toda a extensão da terra, certamente algum escritor latino ou grego teria mencionado o fenômeno. Com efeito, considera uma invenção risível adjudicar a Dionísio<sup>19</sup> a autoria da Epístola, na qual afirma ele ter visto com seus próprios olhos, e ter considerado com atenção aquele célebre eclipse.

Mas nesta obra não pretendo defender nem os méritos da doutrina e da filosofia de Dionísio Areopagita, que Erasmo se esforça em rejeitar, nem também censuro a Erasmo por fazer autor desta interpretação a São Jerônimo, a quem, como a nenhum outro intérprete das Escrituras, contradiz claramente. Só pondero que se Erasmo não tivesse ignorado a História humana nesta passagem, teria interpretado de modo correto, com toda segurança, aquelas trevas.

Fegão, ilustre cronista das Olimpíadas, escreve em seu livro 14 o seguinte:<sup>20</sup> “No ano quarto da Olimpíada de 202, se produziu um obscurecimento do sol

---

14) *De doctrina christiana*, 2,28 (PL 34, 55).

15) *Adversus haereses*, 2,39[22]; 40[23] (PG 7, 784.787).

16) *Adversus Iudaeos*, 8 (PL 2, 612).

17) EUSÉBIO. *Historia ecclesiastica*, 1, 10 (PG 20, 107); EPIFÂNIO. *Adversus haereses*, 2, 1, haer. 51 (PG 41, 933); CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata*, 1, 22 (PG 8, 886); LACTÂNCIO. *Divinarum institutionum libri*, 4, 10 (PL 6, 474).

18) *In annotationes super Matthaëum*, 27, 49; *Super Acta Apostolorum*, 17, 50.

19) *Epist. Polycarpo*, 7 (PG 3, 1079).

20) *Breviarium victoriarum olympicarum*, lib. 14.

grande e excelente entre todos os que o antecederam. Na hora sexta, o dia se converteu em noite tão tenebrosa que viram-se as estrelas no céu e um terremoto derrubou muitos prédios da cidade de Niceia da Bitínia”. E Eusébio em suas *Crônicas*<sup>21</sup> comprovou que esse ano havia coincidido com o da Paixão do Senhor.

Também o presbítero Luciano de Antioquia, varão eminente por seus costumes e erudição, disputando com os gentios sobre a Fé cristã diz: “Buscai com diligência nos vossos arquivos e descobrireis que, nos tempos de Pilatos, enquanto o Senhor sofria a Paixão, desaparecido o sol, o dia foi interrompido pelas trevas”. A referência se encontra no livro nono, capítulo sexto da *História eclesiástica* de Eusébio.<sup>22</sup>

Finalmente, Tertuliano afirma:<sup>23</sup> “No mesmo momento em que o sol chegava à metade de seu curso, o dia desapareceu. Os que não souberam que isto se havia dito antes em referência a Cristo creram que foi tão somente um eclipse. E, todavia, o relato desse sucesso mundial *vós* o tendes registrado em vossos arquivos”. Até aqui está o que se encontra no capítulo 21 do *Apologetico*.

De tudo o referido, se compreende facilmente que para expor as Sagradas Escrituras também são necessárias as histórias dos gentios, e embora estas questões são tão evidentes que dispensam toda discussão, todavia, serão desenvolvidas com a maior amplitude no livro 13. Assim, pois, como lá serão ilustradas com exemplos claríssimos, não há motivo para que adiantemos aqui inoportunamente a doutrina contida naquele livro. E, do mesmo modo que os geômetras, para explicar com maior facilidade o que querem, não costumam demonstrar todas suas afirmações, senão postulam que se lhes conceda crédito, assim eu postulo ao leitor que me conceda provisoriamente que existam nos livros Sagrados muitas passagens que não podem se esclarecer sem conhecer a História humana.

O uso feito dos documentos históricos, por parte de varões ilustríssimos, confirma com toda clareza o quanto sejam eles muito convenientes ao teólogo, nas disputas contra os inimigos da Fé cristã. Tertuliano,<sup>24</sup> a partir da mesma História dos romanos, mostra como aqueles cruéis e sanguinários perseguidores dos cristãos foram pessoas péssimas, e, em consequência, como deve ser bom o que os homens maus perseguem. E quantos exemplos de fatos

21) *Chronicorum libri*, 2 (PG 19, 535).

22) *Historia ecclesiastica*, 9, 6 (PG 20, 810).

23) *Apologeticus*, 21 (PL 1, 401).

24) *Ibid.*, 5 (PL 1, 289).

históricos não usa em seu *Liber ad Scapulam*<sup>25</sup> para demonstrar como muitas das autoridades dos pagãos tiveram um fim triste por terem perseguido os cristãos? Porque, com efeito, os que combateram contra os nossos, sem dúvida lutaram também contra Deus.

Não demonstra Cipriano<sup>26</sup> a vaidade dos ídolos por meio do conhecimento e das referências de fatos históricos? Quantas e quão variegadas histórias não cita Jerônimo contra Joviniano<sup>27</sup> em louvor da virgindade e da castidade? O presbítero Luciano, como antes dissemos, indaga os próprios anais dos gentios para sustentar os dogmas de nossa Fé com seus testemunhos. Eusébio<sup>28</sup> refuta com frequência os judeus e os pagãos a partir dos fatos da História humana. Logo, para o teólogo não só a História Eclesiástica é utilíssima contra os inimigos da Fé, mas também a escrita por autores pagãos.

Portanto, ser um completo ignorante da História profana é sinal de uma ineptíssima indolência ou de uma repugnante aversão. E, de outra parte, que o teólogo apresente exemplos, oportunamente e com prudência, quando trata de persuadir, não só nos discursos, mas também nas disputas, de que algo é justo ou injusto, segundo o que tenham praticado homens honestos ou desonestos, o fizeram com abundante clareza Tertuliano, Jerônimo e outros varões assaz ilustres, que com frequência se comprazem com este gênero de persuasão.

Mas, quais estudiosos podem aduzir exemplos verossímeis sem conhecer a História? É patente, pois, quanto se alastra a utilidade da História, dado que nós teólogos em qualquer matéria que tratemos, seja pregando, seja disputando, seja expondo as Escrituras, em algum exemplo da História nos fundamos. Em conclusão, dado que os livros da História são utilíssimos em muitas questões ao teólogo, este deve lê-los com seriedade para não se enganar vergonhosamente em matérias de sua particular competência, nem ignorar o que não pode ser ignorado sem imprudência e imperícia. A História, como disse Cícero com toda razão,<sup>29</sup> é mestra da vida e luminária da verdade. Até aqui se tem tratado da utilidade da História. Falemos também de sua autoridade.

---

25) *Liber ad Scapulam*, 3 (PL 1, 701).

26) *De idolorum vanitate* (PL 4, 563).

27) *Adversus Iovinianum*, 1 (PL 23, 221).

28) *Historia ecclesiastica*, 1,6.11; 2,2; 3,7 (PL 20, 86.113; 20, 139; 20, 233).

29) *De oratore*, 11.36.